

DOSSIÊ CIDADES E NARRATIVAS

APRESENTAÇÃO

Entre as redes educativas que formamos e nas quais nos formamos estão aquelas referentes aos locais onde moramos e existimos – redes das ‘*prácticasteorias*’ de vivências nas cidades, nos campos e à beira das estradas (Alves, 2019, p. 131)¹. Esses ‘*espaçostempos*’ se relacionam substantivamente entre si, por intensos movimentos realizados de uns aos outros, trazendo sempre narrativas de si e permitindo a tessitura de quem somos e porque o somos, em movimentos que, possibilitando manter e recriar a vida, relacionam horizontes diversos que são narrados, permanentemente, articulados com as diferentes experiências que temos com tantos diversos outros seres humanos, nas trajetórias realizadas em comum, de solidariedades e de antagonismos.

Lembramos que essas múltiplas, complexas e persistentes relações nos têm trazido “miseráveis, desempregados famintos, desesperados, homens e mulheres sem eira, nem beira [que] testemunham a ruína do que lhes foi prometido. Para uns são apenas vítimas de uma guerra desumana, seres vulneráveis passíveis de compaixão.” Mas que podem ser “afirmados como contadores de histórias perigosas” (Baptista, 2022, p 17)². Para isso, precisamos entender como Gagnebin³ (1994, p.

54), inspirada nas análises de Walter Benjamin sobre a alegoria,

[...] (que) às ruínas [...] (podemos propor outra) conotação política: “A história não é, pois, simplesmente o lugar de uma decadência inexorável [...] ao meditar sobre as ruínas de uma arquitetura passada, o pensador alegórico não se limita a evocar uma perda; constitui, por essa mesma meditação, outra figura de sentido [...], [...] (pois) o sentido nasce tanto da plenitude e da eternidade como, também, do luto e da história, mesmo se, através deles, estamos em busca de um outro tempo” (Baptista, 2022, p. 17).

e de outros espaços.

Essas narrativas, em suas tantas diferenças e complexidades, trazem, permanentemente, a potência criativa e astuta (Detienne; Vernant, 2008)⁴ das nossas humanidades e se chama “*métis*” –

“[...] força tática, força guerreira criada para encontrar saídas, resolver questões diante do mundo, reafirmando crenças. Os mitos são arquétipos criados para fazer emergir nossas potências. Eles povoam as mentes e se manifestam de maneiras diferentes, de acordo com cada cultura e suas crenças. A *Métis* que habita a mitologia grega é uma deusa, esposa de Zeus, que a devora por conta de sua inteligência e por gerar a filha que tomará seu trono. Ao ser engolida por Zeus, *Métis*, assim como sua inteligência e astúcia, são incorporadas a ele. *Métis* é uma guerreira, forja ferramentas e cria estratégias de guerra para se defender” (Mendonça; Santos; Toja; Morais, 2020, p. 1625)⁵.

1 ALVES, Nilda. As redes das ‘*prácticasteorias*’ de vivências nas cidades, no campo e à beira das estradas. In: ALVES, Nilda. **Práticas pedagógicas em imagens e narrativas** – memórias de processos didáticos e curriculares para pensar as escolas hoje. São Paulo: Cortez, 2019. p. 131-133.

2 BAPTISTA, Luis Antonio dos Santos. Fragmentos de um horizonte em ruína: divagações sobre histórias dos restos. In: SILVA, Rodrigo Lages e MIRANDA, Aline Britto (orgs). **Horizontes coletivos: experiência urbana e construção do comum**. Curitiba: CRV, 2022. p. 17-28.

3 GAGNEBIN, J. M. **História e narração em W. Benjamin**. São Paulo: Perspectiva, 1994.

4 DETIENNE, Marcel; VERNANT, Jean-Pierre. **Métis: as astúcias da inteligência**. Tradução de Filomena Hirata. São Paulo: Odysseus Editora, 2008.

5 MENDONÇA, Rosa Helena; SANTOS, Joana Ribeiro dos; TOJA, Noale; MORAIS, Maria. ‘Cineconversas’ e fabulações curriculares: o uso de filmes e a potência das conversas como metodologia de pesquisa em Edu-

Homens e mulheres fazem uso dela para narrar suas histórias nas cidades, onde nascem ou chegam depois de diferentes andanças através de grandes e diferentes ‘*espaçotempos*’. As narrativas de si ultrapassam a expressão de uma individualidade, de um eu imaculado, de uma delimitação identitária. São histórias criadas ou tecidas artesanalmente no uso de inúmeros fios, linhas, restos, detritos de coisas e de afetos contrastantes; artesanato a recusar a sufocante narração que se limita aos rastros do eu, da arrogância do Sujeito apartado dos apelos e forças do mundo. O contar sobre si sugere o mostrar uma arte do fazer, sempre inconclusa, de montagens de fragmentos de outras histórias que após o ato do contar, o narrador não se reconhecerá na autoria. Arte intranquila, imprevisível e improvisada, pois nas cidades dos homens a paz das imaculadas universalidades das ideias é abalada em sua pretensa estabilidade, assim como o inferno de um destino mítico a decretar o nada a fazer. O si mesmo apresenta-se na intensidade de uma diferença confeccionada nos embates, o díspar sujo, impuro, inacabado, disponível para uso quando o ar nos falta na asfixia do desejo e da revolta.

As articulações entre cidades, narrativas e práticas de si neste Dossiê justifica-se nas urgências políticas inadiáveis do tempo do agora. Na urbe contemporânea tempos e histórias díspares entrelaçam-se e apresentam ao pesquisador o fracasso de promessas anunciadas no passado, de formas de lutas, utopias, porém, neste lócus paradoxal, emergem esboços de embates singulares e sinais da inconclusividade de projetos do outrora. Tempos sombrios do passado espraiam-se em corpos, territórios, sociabilidades. Sombras do fascismo reeditadas em formas singulares no presente inspiram a criação deste dossiê, assim como

cação. **Revista e-Curriculum**. São Paulo: Programa de Pós-graduação em Educação Currículo –PUC/SP, v.18, n.4, p. 1109-1130, out./dez. 2020.

a artesanaria de práticas de si, de coletivos, de pensamentos que o enfrenta incansavelmente. Urge desobstruir o impedimento do ar provocado pelo terror e pela tristeza, criar passagens para que o cotidiano das cidades seja o lugar de experimentação permanente das artes do fazer, de desfazer, do entrelaçamento de revoltas, desejos e criação. Com isso, podemos afirmar que “o passado inconcluso respira abaixo das ondas. O respirar contido na imagem de Walter Benjamin a indicar o inacabamento do que passou, apropriado pelos perigos do agora: “articular historicamente o passado não significa conhecê-lo como de fato foi. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo” (Benjamin, 1994, p. 224⁶ apud Baptista, 2022, p. 23)⁷.

Neste dossiê, relatos de experiências vividas nas “cidades, no campo e à beira das estradas” (e por que não, em locais considerados inóspitos?) foram criados a partir de encontros com paisagens e seres humanos – solidários ou agressivos; articuladores ou controladores dos mesmos – coabitando nas possibilidades de produzir narrativas de si múltiplas, complexas e diferenciadas. São escritas como práticas de si que afirmam dimensões éticas, estéticas, políticas e poéticas das ações humanas. Ações que denotam à cidade a recusa a ser um cenário, ou o um mero suporte do Humano.

O leitor encontrará textos, nos quais, histórias da cidade emergem na fresta das casas, ruas, avenidas, placas, entre tantos outros espaços e na memória de seus moradores, a indicar resistências ao abandono dos poderes públicos, às ações políticas e a potência das artes

6 BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

7 BAPTISTA, Luís Antonio dos Santos. Fragmentos de um horizonte em ruína: divagações sobre histórias dos restos. In: SILVA, Rodrigo Lages e MIRANDA, Aline Britto (orgs). **Horizontes coletivos: experiência urbana e construção do comum**. Curitiba: CRV, 2022. p. 17-28.

do fazer e desfazer do cotidiano é sequestrada. Resistências que fazem da rememoração e da narração um recurso ético-político pertinente à construção de um presente que escape ao intolerável. Textos acerca de “práticas pensantes”, de errâncias, agenciamentos de gestos, operações cotidianas que permitem constituir nos territórios, modos de vida e subjetividades outras. Loucos, mulheres, jovens rurais, cegos, crianças são apresentados como multiplicadores de histórias e modos de existência, sem necessariamente precisar atender à exigência da verdade que os encarcera nos limites identitários; limites que impedem o inacabamento do exercício narrativo, ofuscam, enfraquecem singularidades das práticas de si.

O Dossiê inicia com o texto *Histórias de uma “terra de ninguém”*: experiências de uma cidade com a loucura, de autoria de Samara Pimenta Monecchi, Maria Elizabeth Barros de Barros e Heliana de Barros Conde Rodrigues, que socializam experiências cidadinas de Cariacica, região metropolitana do Espírito Santo, chamada, por muitos de “terra de ninguém”, por ter abrigado durante muitos anos os rejeitados das cidades, no antigo Hospital Aduato Botelho. Entre o sinal fechado e o aberto, uma atenção para o que extrapola o meio fio, aquilo que talvez o olhar e os demais sentidos não alcance quando se trata das margens.

Marina Luiza Pereira Guimarães e Maria Teresa Nobre nos fazem ‘sentirpensar’, quando nos convocam a *Inalar os olhos para desacomodar o olhar: o que trans-borda nos indesejáveis da cidade*, nos colocando em alguns encontros, a partir de experiências etnográficas nas cidades de Boa Vista-Roraima e de Natal-Rio Grande do Norte, apresentando dispositivos que tornam as vidas indesejáveis nos contornos da cidade, incorporando a noção de “vidas precárias”, de Judith Butler -, infâncias de uma feira-livre e das Terras Indígenas Yanomami e população em situação de rua, em atos

de enfrentamentos ao poder público por suas vidas descartáveis.

Já em *A Cidade negada: Narrativas da Palestina sobre ocupação e violência colonial*, Yassmin Nasser Said SAGR e Rafael Wolski de Oliveira nos mostram o “campo minado ou um campo de concentração” de uma cidade marcada pela Nakba (catástrofe) em 1948, na qual desde então, vidas enfrentam perigo, morte e uma série de violações de direitos sob ocupação militar israelense, que por meio de uma pesquisa narrativa, busca discutir, o regime de “apartheid” ao qual a população palestina está submetida e as restrições impostas sobre o direito de livre circulação em seu próprio território.

Entre bifurcações e rotatórias, continuamos em *Apercebenças e errâncias urbanas: pistas para suportar um corpo-cidade*, quando Alexandre Jorge Nobre Silva Filho, Lázaro Batista e Elton Silva Ribeiro buscam articular pistas em torno do que possa ser a experimentação humana com o espaço urbano contemporâneo, tendo como ponto de partida o contexto da especulação imobiliária em Maceió, capital de Alagoas, apostando que esses diversos modos de operar enunciam aquilo que pode ser suportado por nossos corpos na relação com a cidade.

Em *Autonomia dos “sujeitos-objetos” na produção do conhecimento e na narrativa da cidade*, Lidiane Maciel, Marília Goulart Silva e Thamires V. Melo, como ‘praticantespensantes’ da/na cidade e que, em suas pesquisas, investigam a autonomia desses sujeitos na explicitação da realidade social vivenciada nas cidades brasileiras, deixando de ser objeto de pesquisa, para serem, na proposta decolonial, aqueles que vivem, sentem, pensam e produzem ‘conhecimentossignificações’ acerca dos ‘espaçostempos’ onde moram.

Atravessados pelas texturas das cidades, somos convidados a ‘sentirpensar’ a cidade

pelo acesso às memórias daqueles que não podem ver com os olhos da visão e sim com “olhos da pele” (Pallasmaa, 2011), em *As camadas da cidade em fotografias táteis: escavando memórias em uma experiência expositiva*, de Cristina Maria da Silva, Lucas Pinheiro Tenório Farias, Ana Carla Guimarães Lima Vieira e Pamela Pereira do Nascimento que apresentam reflexões sobre o processo de acessibilização de quatro imagens em uma exposição sobre as mulheres como guardiãs das memórias na cidade, repensando a cidade não só por meio de acervos fotográficos comuns, mas também através de narrativas de pessoas com deficiência visual (PcDv).

Assim seguimos, percebendo a criação de mapas de gestos em *Cartografia de quem passeia pela cidade: narrativas de uma pesquisa em tese* de Anelice Ribetto e Débora Madeira, com a problematização que aposta no passeio pela cidade com estudantes cegos, entendendo este modo de agenciamento com as redes discursivas que tentam escapar dos processos de normatização, dando a compreender o que há para além daquilo que foi instituído como norma-padrão, possibilitando um deslocamento por percursos mais sensíveis, nos quais forjamos um questionamento quanto ao que estamos produzindo na vida-educação.

As fronteiras entre o urbano e o rural são cenários de ritos de passagem dos estudantes do campo, para dar continuidade aos estudos, deslocando-se, diariamente, para as escolas urbanas. Nesse movimento diário, espacializam e territorializam, para sua segurança, determinados ‘espaçotempos’ da cidade em que estudam, sem uma apropriação efetiva deles como “lugar” – ‘espaço apropriado’, segundo Certeau -, tornando-se quase um habitante de lugar nenhum. É assim que Hanilton Ribeiro de Souza nos toca em *(Geo)grafias da cidade que não habita em mim: imagens e narrativas dos alunos da roça*.

Nas malhas da cidade, Maicon Barbosa tece *Fios e teias do cotidiano no labirinto da experiência urbana*, com inspiração em ideias de Walter Benjamin, que propôs “errâncias” pela cidade como produção de diferenças rítmicas em relação à aceleração utilitarista imperativa no capitalismo contemporâneo, para acompanhar a tessitura de práticas cotidianas, apresentando imagens urbanas para tornar visível a produção de conversas fiadas, articuladas ao conceito de cotidiano na dimensão do labirinto como traço constitutivo da cidade.

Em *Além da fé: estratégias de planejamento urbano e a construção de narrativas turísticas*, Fernanda de Carvalho e Lidiane Maria Maciel trazem a investigação sobre o processo de planejamento regional do turismo em pequenas cidades com um alto potencial nas áreas de turismo ecológico e religioso, tendo como foco os eixos turísticos do Vale do Paraíba, no Estado de São Paulo, com destaque para os municípios de Aparecida, Cachoeira Paulista, Canas, Cunha, Guaratinguetá, Lagoinha, Lorena, Piquete, Potim, Roseira e Tremembé, que compõem a Região Turística da Fé.

De volta à linha tênue entre cidade e campo, *Ghost ou “fusão preto”?: as tecituras de um historiador nas topofilias campinenses*, fala sobre Campina Grande (PB) como potência criativa, que congrega os territórios universitários enquanto ‘espaçotempos’ de formação e sedução intelectual. Universidade e ambiente urbano tornam-se lócus de redes de sociabilidade, de criação de novas percepções identitárias, onde, Iranilson Buriti Oliveira, o autor, a partir de uma escrita de si, problematiza como os trajetos urbanos dos anos 1990 contribuíram para sua transformação, trazendo um recém-estudante chegado da zona rural como leitor das tramas da cidade, com suas narrativas e suas poéticas.

Os congestionamentos entre vias e desvios fazem de *Vidas em trânsito: sujeitos, percor-*

sos e narrativas na cidade de Belo Horizonte um bordado de narrativas produzidas durante e após os deslocamentos urbanos. Tomado pelas figuras do “camponês sedentário” e do “marinheiro comerciante”, Cláudio Márcio Oliveira pensa as “viagens no tempo” e as “viagens no espaço” – viagens sempre em ‘espaçostempos’ - dos praticantes da cidade, como a experiência do deslocar-se por Belo Horizonte, analisada a partir das histórias de vida de seus ‘praticantespensantes’, os usos e percepções do espaço do ônibus, e as relações que estabelecem com os estranhos que se apresentam nas viagens, assim, percebendo o lugar do corpo e das sensibilidades nos deslocamentos e os desejos de cidade e de vida.

O artigo *Nascer, adoecer e morrer na comunidade quilombola Córrego do cuba: tradição e modernidade* mobiliza Anderson José Aparecido de Oliveira, Camila da Silva Costa, Yuri Elias Gaspar e Roberta Vasconcelos Leite, a fazerem ‘sentirpensar’ acerca dos movimentos da vida a partir de vivências quilombolas, com o nascimento como um convite, chamado para acolher a vida e o natal da criança: a esperança que brota. O adoecer de um membro, afetando todo coletivo que se organiza com a compaixão e se empenha nas tarefas de cuidado e consolo. Na partida do irmão, no luto: a dor, a esperança e a fortaleza para celebrar sua páscua. Os três momentos unem todos para celebrar, rezar, lamentar, reafirmando a unidade e reunindo a comunidade, nesta poética da vida que os autores narram no artigo.

E as poéticas insistem em *Cantos e encantos: tecendo encontros às narrativas com imagens e sons da cidade do Rio de Janeiro* de Marcelo Ferreira Machado, Maristela Cerdeira, Izadora Agueda, Fernanda Cavalcanti de Mello, que apresentam os caminhos e as caminhadas pelas muitas ruas, vias e vielas da vida e que nos conduzem aos variados ‘espaçostempos’ da/pela cidade do Rio de Janeiro. Cercada por

linda natureza, vislumbramos uma cidade que é formada, deformada e transformada pelos tantos ‘praticantespensantes’ que encontram no morro e no asfalto uma possibilidade de seguir criando múltiplos ‘conhecimentos-significações’.

Num exercício narrativo em torno de experiências contemporâneas de silenciamento por autoridades públicas, Tainá dos Santos Oliveira, Luan Carpes Barros Cassal e Widlane de Oliveira Lourenço, mostram como as narrativas são normas de produzir e multiplicar histórias e modos de existência, sem necessariamente precisar atender à exigência da verdade, mas sim, o rigor ético. Em *Entre a memória e a confissão: o gesto narrativo como uma aposta ética frente à exigência da verdade*, defendem que narrar é também uma disputa pela ética das histórias, explicitando quais são nossas afiliações e apostas e que a tessitura das cidades alimenta-se dessas narrativas - a poluição, o barulho, o encontro de corpos, o autoritarismo de governantes, a violência da polícia, a hostilidade do transporte público.

E por fim, Mariana Cunha Schneider e Luciano Bedin da Costa, apresentam o texto *Pode o infante falar? narrativas e cartografias infantis como resistência à subalternização da infância na urbe, quando interrogam* acerca da participação das infâncias nos processos de decisão e construção urbana, assim como indagam sobre os efeitos diante desse processo de marginalização das infâncias. A reflexão é fruto de um processo de pesquisa com cartografias infantis, uma metodologia onde a possibilidade de fazer com crianças e infâncias vai apontando os caminhos do pesquisar e onde os afetos infantis e a força dos encontros se sobressaem na narrativa.

Assim o dossiê *Cidades e Narrativas*, toma a presença da arte das imagens, enseja o sentido da cidade como labirinto onde circulam objetos desusados, palavras, afetos e fragmen-

tos de vida deslocados, remontados ao contar inesgotáveis histórias. Ensaio que denota ao ato da montagem no cinema e na literatura afinidades com cenas urbanas entendidas como peças, mosaicos, fragmentos à espera de possíveis montagens. Espera insuflada pela ética e pela política. Experiências infantis na cidade também ofertarão ao leitor o sentido político do lúdico. Aposta na possibilidade de se retomar sentidos outros de conexão com o mundo e de produção de conhecimento tomando a infância como uma espécie de bússola ética que nos aponta na direção da criação de cidades mais justas, divertidas e plurais.

A cidade pulsa vida, indica acontecimentos ou experiências transitórias, afetos nas relações orgânicas do viver. Nas múltiplas maneiras em habitar a cidade, a arte como modos de ocupação ética, estética, política e poética se mostra por suas intervenções urbanas, a

expressão de sua autopoiesis. A ocupação da cidade por corpos travessos, potentes, desestabilizados, que usam a arte do fazer como artefato de luta e criação. Viver nessas cidades – em grande parte, imaginadas – ações de resistência às agendas hegemônicas de sufocamento ao lado de ações de criação do possível e necessário para muitos.

Rio de Janeiro, 30 de novembro de 2024.

Luis Antonio dos Santos Baptista

Universidade Federal Fluminense

Nilda Alves

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Noale Toja

Universidade do Estado do Rio de Janeiro